

ENTRE A AFEIÇÃO GRÁFICA ARCAIZANTE E O IMPULSO DA MODERNIDADE: A LÍNGUA EM MOVIMENTO NAS CORRESPONDÊNCIAS DE MÁRIO DE ANDRADE E CÂMARA CASCUDO

Maria Hozanete Alves de LIMA¹

Felipe Morais de MELO²

Resumo: Neste estudo, analisamos duas situações específicas manifestas nas correspondências trocadas entre dois expoentes da cultura brasileira: Mário de Andrade e Câmara Cascudo entre os idos de 1924 a 1944. A primeira questão se relaciona ao que denominamos de “afeição gráfica arcaizante” presente na escrita de Câmara Cascudo, quando comparamo-la com a grafia de Mário de Andrade; a segunda questão respeita diretamente à constante presença, também nas cartas de Câmara Cascudo, do sinal diacrítico denominado “apóstrofo”, usado para marcar ou indicar a supressão de letras e sons, seja na junção de duas palavras ou no interior delas. No intervalo de análise entre estes dois pontos, acompanharemos, ainda, a postura de Mário de Andrade mediante certos aspectos e manifestações linguísticas que lhe rendiam atenção e interesse.

Palavras-chave: Mário de Andrade e Câmara Cascudo; Ortografia; Escrita etimológica; Uso do apóstrofo.

Abstract: In this study, we analyzed two specific situations manifested in the correspondences exchanged between two exponents of Brazilian culture: Mário de Andrade and Câmara Cascudo in the course of the years from 1924 to 1944. The first question relates to what we call the "archaic graphic affection" present in the written by Câmara Cascudo, when we compared it with the writing of Mário de Andrade; the second question is directly related to the constant presence, also in the letters of Câmara Cascudo, of the diacritic sign called "apostrophe", used to mark or indicate the suppression of letters and sounds, whether at the junction of two words or within them. In the interval of analysis between these two points, we will also follow the posture of Mário de Andrade through certain aspects and linguistic manifestations that paid attention and interest.

Keywords: Mário de Andrade and Câmara Cascudo; Orthography; Etymological writing; Using the apostrophe.

Palavras iniciais

Câmara Cascudo (1898-1986) e Mário de Andrade (1893-1945), dois dos maiores expoentes da cultura brasileira – este conhecido por seu envolvimento direto com o movimento Modernista, do qual foi seu principal articulador; aquele, pelos estudos e pesquisas que desenvolveu sobre o folclore –, estiveram conectados por 20 anos, praticamente através de cartas, nas quais encontramos uma vastidão de assuntos, desde os mais íntimos aos mais profissionais. Tomando estas cartas, que datam dos idos de 1924

¹ Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: hozanetelima@gmail.com

² Licenciado em Letras - Língua Portuguesa, Inglesa e Literaturas (2008) pela Universidade Potiguar (UnP) e em Letras - Língua Portuguesa (2009) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da UFRN na área de Linguística Aplicada (2012) e doutorando pelo mesmo Programa de Pós-Graduação. E-mail: felipemorais_m@yahoo.com.br

aos idos de 1944, como *corpus* de pesquisa, dedicamo-nos, neste trabalho à análise de duas situações muito específicas manifestas nas correspondências trocadas entre eles. A primeira questão se relaciona ao que denominamos de “afeição gráfica arcaizante” presente na escrita de Câmara Cascudo (doravante, também, CC), quando comparamo-la com a grafia de Mário de Andrade (doravante, também, MA); a segunda questão respeita diretamente à constante presença, também nas cartas de CC, do sinal diacrítico denominado “apóstrofo”, usado para marcar ou indicar a supressão de letras e sons, seja na junção de duas palavras ou no interior delas. No intervalo de análise entre estes dois pontos, acompanharemos, ainda, a postura de Mário de Andrade mediante certos aspectos e manifestações linguísticas que lhe rendiam atenção e interesse.

Comuns interesses: de regionalismos e brasileirismos

Nas primeiras cartas que desenharam o início de uma amizade entre MA e CC³ – e que durou em torno de duas décadas – anota-se referência e evocação ao uso de determinadas formas linguísticas como sendo frutos de “regionalismos, modismos”. Mário de Andrade, nessas cartas, revela-se não apenas um entusiasta, mas um estudioso e um dos mais fervorosos expoentes do Modernismo brasileiro, como a literatura já o reconhece. O olhar aguçado de MA para a cultura do país, estando impregnado nesse olhar uma posição política muito particular⁴, também era direcionado para o registro linguístico e para a variedade do uso desses registros.

Nas primeiras correspondências, que datam dos idos de 1924, 1925 e 1926, assinalamos o interesse e a curiosidade de MA em relação a esse registro – isto não implica que tal interesse não apareça em outras missivas. Um dos exemplos mais marcantes presente nas primeiras cartas respeita ao interesse em relação a uma língua marcada pela “vocabularidade” e sintaxe de um idioma nacional cujas características desenhavam traços de uma brasilidade, distinta dos traços do português europeu. Tomemos, como exemplo, certos enunciados, extraídos das cartas reveladores desta questão.

(01) Estou as ordens para abarrota-lo de regionalismos, modismos característicos, ets,ets. Para começar registre esse: **Riquiffi...** Sabe qué é? Uma cousa frivola e complicada, um estylo difuso e fútil, um vistido cheio de bordados, aplicações, rendas. **Riquififi...** É comum ouvir-se por aqui; E escreve com tanto **riquififi** que não se entende o que elle

³ Sobre as correspondências trocadas entre MA e CC, acentuamos, de antemão, a importância que este material representou, no Rio Grande do Norte, para os integrantes do projeto PHPB-RN (Projeto História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte), criado no ano de 2010, e integrante do projeto nacional PHPB (Para a História do Português Brasileiro). Essas missivas, cujo interesse tem como centro o resgate e o registro da cultura de um tempo e um espaço vividos por MA e CC, foram palco, para o PHPB-RN, de grandes conversas sobre a materialidade linguístico-discursiva, em suas correntes e extratos os mais variados: discurso, pragmática, semântica, lexicologia, sintaxe, morfologia, fonética, dentre outros. As cartas, transcritas, de modo diplomático, encontram-se em Gomes (1999).

⁴ Em carta de setembro de 1925, Mário de Andrade comenta sua desconfiança em relação ao Congresso Regionalista que seria realizado no ano de 1926. Para ele, o congresso mostrava-se “desintegrante da ideia de nação e sobre esse ponto muito prejudicial pro Brasil já tão separado. Além disso fatalmente o regionalismo insiste sobre as diferenciações e as curiosidades salientando não propriamente o carácter individual psicológico duma raça porém os seus lados exóticos”. E mais “Acho o programa um pouco acanhado e além de regionalista regionalizante o que é um perigo”. MA mostra os possíveis mal entendidos que envolvem o programa, anotando duramente: “Aliás reconheço que nessa parte de vida artística e intelectual vocês se preocuparam mais com lados praticos que propriamente ideológicos”.

quer dizer. V. use o “bicho” (Câmara Cascudo, II^o – VII – 25 – negrito nosso).

(02) Primeiro me diga uma coisa, qual sílaba tônica de **requifife**? Palavra aguda ou grave, **requifife** ou **requififi**? Outra coisa: é bem **substantivo** ou serve às vezes de **adjetivo qualificativo** também? Outra coisa do mesmo gênero: me diga se você já escutou por aí a palavra **pratita**, adjetivo qualificativo querendo significar pessoa cheia de enjoamento, de não-me-toques. “Fulana é muito **pratita**” se fala por aqui (Mário de Andrade, S. Paulo 6 – IX – 925 – negrito nosso)⁵.

Como observamos, MA está a postos para resgatar certos registros linguísticos e certas estruturas sintáticas. Em busca rápida sobre o termo “requife” encontramos, no dicionário Houaiss (2001), que ele apareceu nos anos de 1704. Já “requifife” é uma forma de “requife”, com reduplicação silábica, sendo datada no século XX e apresentada como “regionalismo” (HOUAISS, 2001). A palavra “requife” (e “requifife”) significa, de modo geral, “adorno, enfeite de formato estreito” (HOUAISS, 2001).

A curiosidade em torno da palavra “requifife”, como vemos no enunciado 02, conduz MA a outra cena lexical. Trata-se da palavra “pratita”. Esta palavra pode ser encontrada em dicionários de língua portuguesa (de Portugal), sendo, morfologicamente, diminutivo do substantivo “prata”⁶.

Quando se tratava de língua, com muito mais frequência, Mário de Andrade assumia o posto de grande inquiridor. Parecia ser ele quem mais aclarava o gosto pelo novo, marcado especialmente na organização da língua falada no Brasil, em contraposição à estrutura da língua falada em Portugal. É bem marcante, neste ponto, o que lemos no enunciado 03.

(03) Estou escrevendo brasileiro. Deus me ajuda! Você também está escrevendo brasileiro. Procure vivificar ainda mais esse propósito. Lembre-se que o português não pode ser, tal como ritmado (e ilegível) em Portugal, o nosso meio oral de expressão: outra terra, clima, novos costumes, preocupações, ideais. Aliás nós não herdamos de Portugal uma língua: herdamos uma gramática. Foi o que marcou por muito tempo a ideia de sermos sintaticamente, vocabularmente nacionais (Mário de Andrade, S. Paulo, 14 de agosto de 1924).

Essa tendência à brasilidade, expressa no uso de palavras e nas construções sintáticas, exemplo claro das diferenças sintáticas entre a língua de Portugal e a do Brasil, foi exposta e encontrou refrão em uma das análises que MA empreendeu em um poema lhe foi enviado por CC.

(04) Por isso o mau efeito de expressões como “antes que a noite a mude” em que o mude rima com açude e chama a atenção da gente pro poeta. Ruím isso. Ainda no finzinho dêsse nº 1- vem “Há somente a tarde morrendo/ no vermelho/ espelho/ do açude...” Está muito bem, só que mudava pra - “no espelho/vermelho” com o qualificativo depois do qualificado. Fica muito mais naturalmente rítmico assim e muito mais brasileiro. Você já reparou nessa tendência do brasileiro pra botar o qualificativo sistematicamente depois do substantivo qualificado?

⁵Os enunciados extraídos das cartas são enumerados consoante a entrada em nosso texto. Assim, 01, 02, 04, etc.

⁶ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pratita>

Repare. Eu já ando sistematizando isso na minha escriturada. (Mário de Andrade, S. Paulo 4 – X – 925)

Essa tendência – e outras – se firmam como exemplos da distância de um português brasileiro em relação à língua portuguesa de Portugal. Se, no Brasil, havia esta tendência “pra botar o qualificativo sistematicamente depois do substantivo qualificado”, já simbolizava variação no uso do sintagma nominal constituído por substantivo + adjetivo e, em certa medida, uma nova estrutura que se firmava nacionalmente.

Ao escrever “Eu já ando sistematizando isso na minha escriturada”, MM, em outra carta (cuja data não é precisa), convida CC a sistematizar, também, certos usos sem amarras ou preconceitos, sem medo de parecer “inculto”. Exige franqueza, justeza e uso de CC:

(05) O preconceito ainda perdura mesmo nos mais francos. Você mesmo a horas tantas do seu livro põe entre aspas a palavra “arremediado”, pg. 208, 2ª linha. Teve medo de parecer ignorante? A mim me pareceu que você se esquivou de ser clarividente, com essas aspas malditas (Mário de Andrade. S. Paulo 26 de setembro – s/d)

O uso das aspas ovaciona a ambiguidade do gesto gráfico em CC, propulsor de dois movimentos: permissão (do possível de língua, da possibilidade de algo realizável) e assunção de saber (que interpretamos em seguintes termos: “eu sei que a palavra, na forma padrão, é escrita de tal modo”). Uma leve, cuidadosa, mas, direta censura de MA: “Teve medo de parecer ignorante? A mim me pareceu que você se esquivou de ser clarividente, com essas aspas malditas”.⁷ Um pequeno gesto de censura que, na carta seguinte, estende-se à demanda de um uso específico:

(06) Agora uma pergunta que não inclui censura: Você escreve a todo momento “d’imenso”, “d’agoiros”, por “de imenso”, “de Agoiros”. Essa elisão se faz aí no norte? Interessa-me saber disso. É de uso popular ou costume do seu pessoal? Responda-me que observo esses usos com atenção (Mário de Andrade, S. Paulo, 26 de setembro 1924).

As elisões “d’imenso” e “d’agoiros” não são, efetivamente, um fator que promova incompreensão, haja vista considerarmos que MA reconhece aí os sintagmas “de imenso” e “de Agoiros”. São, contudo, determinadas elisões que lhe promovem certo estranhamento, a ponto de demandar a CC se “É de uso popular ou costume do seu pessoal? Responda-me que observo esses usos com atenção”.

Apóstrofo – um *viracento* em Câmara Cascudo

⁷ A palavra “arremediado”, embora não tenha entrada nos dicionários de Língua Portuguesa, tem o sentido de “pessoa que, embora não seja rica, consegue viver decentemente”. É uma palavra que sofreu um aumento (aférese) no início da palavra e está no mesmo campo semântico da palavra “remediado”. O dicionário Houaiss (2011) registra o adjetivo “remediado”, cujo sentido é o de “pessoa que tem situação financeira mediana, modesta, mas suficiente para atender suas necessidades”. Mário de Andrade demonstra aí toda a sensibilidade de um linguista em relação ao que pode ou não pode ser dito/escrito. A palavra nova “arremediado”, embora não dicionarizada, está no texto como uma possibilidade linguística, do mesmo modo como surgem na língua o novo, o diferente. A busca pelos falares de cada região representava um apelo regionalista de cunho nacionalista, haja vista colocar em destaque uma materialidade linguística que transbordava as gramáticas e os dicionários homogeneizados e costurados pelo primado de uma língua à portuguesa.

Há, de fato, uma diferença considerável, no uso do apóstrofo quando comparamos a escrita de MA e a escrita de CC. Em MA, encontramos 6 ocorrências, sendo 03 delas na junção da preposição com pronome demonstrativo de lugar, 01 na junção de preposição com artigo, 02 como marca gráfica de determinados nomes próprios e, em uma situação específica, um uso na junção do verbo estar (tá) com o pronome demonstrativo. Destacamos essas ocorrências no quadro abaixo (quadro 01):

(Quadro 01)

d'aí – 21 ocorrências
n'A – 1 ocorrência
n'aqui – 1 ocorrência
t'aí! – 1 ocorrência
d'Eu – 2 ocorrências
d'Alincourt – 1 ocorrência

Já em Câmara Cascudo, o apóstrofo escoa e colore seu texto, como exposto no quadro 02. Daí, e exatamente, o interesse e a curiosidade drumondianos em saber se era de uso popular, ou costume dos amigos de CC.

(Quadro 02)

d'aqui – 6 ocorrências
d'eu – 1 ocorrência
pr'outra – 1 ocorrência
D'annunzio – 1 ocorrência
n'Argentina – 2 ocorrências
d'orelhas – 1 ocorrência
d'agora – 2 ocorrências
n'um – 2 ocorrências
n'uma - 3 ocorrências
d'aquella - 1 ocorrência
L'amerique – 1 ocorrência
d'um – 1 ocorrência
d'uma – 1 ocorrência
d'A – 1 ocorrência
(Conde) d'Eu - 1 ocorrência
d'Edeu (d'EU?) – 1 ocorrência
D'ahi – 6 ocorrências
d'agua – 2 ocorrências
n'aquela – 1 ocorrência
d'alta – 1 ocorrência
d'igual – 1 ocorrência
um'alma – 1 ocorrência
p'ra - 4 ocorrências
deu'ma – 1 ocorrência
N'A REPUBLICA – 1 ocorrência
thoma'sRegister – 1 ocorrência
D'A REPUBLICA – 1 ocorrência
d'O JORNAL – 1 ocorrência

É marcante a diferença no número de ocorrências do sinal diacrítico na escrita dos dois escritores. CC é generoso com o apóstrofo, de modo que encontramos, em suas

cartas, 47 ocorrências – contando com as repetições no modo de grafar certos agrupamentos, a exemplo de “d’ahí”. Essas contrações eram comuns em textos de sincronias passadas. Teria sido a recorrência dessas contrações, inclusive, que os tratados ortográficos tentaram abolir para dar homogeneidade à grafia. Sendo reservados apenas para situações particulares. Uma delas respeitava diretamente à manutenção de certa ritmalidade dos textos poéticos. Lembramos que o tratado ortográfico de 1943 – que trazia consigo orientações de tratados anteriores – primava pela “supressão de letras no verso, caso a metrificação a exigisse, como *em c’roa, esp’rança, of’recer, ‘star etc.*”

Mas o apóstrofo surge em enunciados não ligados à escrita poética de CC, pois ele não simetriza sua grafia com os tratados ortográficos da língua portuguesa, que, já antes ou na época em que escrevia as cartas, procuravam sistematizar e sedimentar as possibilidades de grafar as palavras, a exemplo da “Reforma Ortográfica” de 1911 e pelas sucessivas propostas de tentativa de simplificar a escrita. Em tais propostas (e.g., a da reforma portuguesa de 1911, o acordo luso-brasileiro, de 1931, dentre outros), além das orientações para o uso do apóstrofo, também se destacavam aquelas orientações que visavam uma escrita figurada pela corrente foneticista – tentativa imaginária de fazer corresponder a uma letra determinada sonoridade –, em contraponto a um modo de escrever que primava, por exemplo, pelo étimo latino e grego, e assim, pela manutenção de dígrafos (th, ph, ch, etc.), pela manutenção do “y” e das consoantes geminadas (rr, ss, tt, pp), dentre outros. CC, ao que nos parece, tinha um certo gosto pela grafia de feição etimológica, como veremos.

A grafia de afeição etimológica

O termo “ortografia”, cujas raízes gregas *ορθοεγραφος* – “correto” e “escrita”, respectivamente – é compreendido como a grafia correta das palavras. Considerar a história da ortografia na língua portuguesa é reconhecer, por um lado, a inscrição, na gramática de uma língua, de uma norma da ortografia. Consequentemente, das obras de gramaticistas e ortografistas anteriores ao século XIX e dos tratados ortográficos que basilam as regras para ortografar as palavras de uma língua.

O ano de 1911 marcou a entrada na língua portuguesa de Portugal da sistematização de uma reforma ortográfica de base fonética, cuja marca essencial seria o abandono do sistema gráfico de feição “etimológica”⁸. A portaria de 01 de setembro de 1911 demandava um período de transição de 03 anos para que a escrita passasse a adotar as normas do novo acordo. Esse acordo primava por uma corrente foneticista, buscando o abandono da ortografia etimológica das palavras. No que respeita à relação entre Brasil e Portugal, apenas em 1920, a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras buscaram um acordo intercontinental que agradasse aos dois países. Nasceu, assim, o primeiro Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro, no ano de 1931. Este acordo trazia consigo a tendência foneticista da ortografia portuguesa de 1911. Uma das justificativas para a tendência da escrita de base fonética era o fato de se considerar que certos agrupamentos eram muito mais “enfeites” do que um traço distintivo entre as palavras.⁹

É certo que o acordo ortográfico de 1911 defendeu algumas mudanças: a) substituição do y por i; b) a substituição dos dígrafos *th, ph, rh, ch*, por *t, f, rr, c* ou *qu*,

⁸Cf. GONÇALVES, Maria Filomena. *Madureira Feijó, ortografista do século XVIII*: para uma história da ortografia portuguesa. Lisboa: Ministério da Educação; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

⁹Todos os tratados da língua portuguesa, bem como textos que discutem questões políticas e linguísticas desses tratados estão à disposição em:

<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/index.php?action=acordo&version=19431911>

respectivamente; c) a redução de certas consoantes geminadas, a exemplo de *ll* por *l*, *tt* por *t*. É, exatamente, na Base XIII, de 1911, que encontramos referências ao uso do “y”, de letras geminadas e do agrupamento de letras com “h”, a exemplo de “ph”, “ph”, etc., bem como do uso do apóstrofo usado para “supressão de letras em versos, reprodução de pronúncias populares, supressão de vogais em palavras compostas com consagração, pelo uso, como em ‘d’oeste’, ‘d’alho’, ‘d’arco’ etc.”.

No Brasil, o processo de fonetização se realizou de modo tardio, embora alguns escritores teimassem em abandonar a ortografia etimológica. Este pareceu ser o caso de Câmara Cascudo, que manteve usos etimológicos até idos de 1944 – em nossas análises consideramos apenas nosso corpus, não tomamos por base a escrita de CC em outros momentos.

Mas, de todo modo, é curioso observar que Mário de Andrade não fazia uso da escrita etimológica. Também se privou de comentar a grafia de feição etimológica em CC. E este, por sua vez, parecia não demonstrar interesse algum em fazer mudanças na sua maneira de grafar as palavras. No quadro 03, expomos as ocorrências desta feição, tomando como exemplo os agrupamentos “ph”, “th”, as letras geminadas e o uso do “y”.

(Quadro 03)

CC – “ph” – 47 ocorrências	CC – “th” – 69 ocorrências
MA – “ph” 1 ocorrência	MA – “th” 03 ocorrências
CC – “ll” - 173 ocorrências	CC – “y” – 150 ocorrências
MA – “ll” – 09 ocorrências	MA – “y” - 17 ocorrências
CC – “tt” – 71 ocorrências	MA – “tt” 12 ocorrências

Em MA, as ocorrências de palavras grafadas com o agrupamento “ph”, “th”, “y” e consoantes geminadas, “ll” e “tt” limitam-se ao uso de nomes próprios. Tomemos como exemplos: “Santo Thyrsó”, “Ralph Bagga”, “Matias Ayres”, “Sergio Milliet”, “Menotti”. Anotamos uma palavra com a consoante “l” geminada, em uma saudação enviada a Cascudo (allô) e a palavra “plaqueette” – acreditamos na forma francesa, haja vista que esta palavra não apresenta registro na língua portuguesa. O que nos interessa nestes dados quantitativos e nesta comparação é a não escuta de Câmara Cascudo para esta nova maneira de grafar as palavras, que se encontrava nas cartas de MA, desde a primeira à última que lhe foi enviada. Muitas questões podem estar aí envolvidas: o estilo pessoal de CC, advindo de leituras de textos que obedeciam a um padrão de escrita ainda não afetado pelas reformas e tratados ortográficos portugueses, especialmente, a Base XIII do acordo ortográfico, instituído em 1911; o estilo pessoal de CC, homem culto que preferia manter as raízes e a tradição da escrita; dentre outros fatores.

Na escrita de CC, a forma de grafar certas palavras preserva a herança etimológica. Assim, Câmara Cascudo escreve “thema”, “estylo”, rythmo”, “sympathica”, “biobliotheca”, enquanto Mário de Andrade escreve “tema”, “estilo”, “biblioteca”. Há, também, maior recorrência na escrita de letras geminadas em CC, de sorte que podemos encontrar em suas cartas palavras como “elle” (variando com “ele”) e “delle”.

Ressaltamos o fato de que não apresentamos todas as ocorrências possíveis. Deixamos de lado, por exemplo, as consoantes geminadas “mm”, “pp”, “nn”, dentre outras. Se assim o fizemos, foi por considerar que um pequeno recorte seria suficiente para nossas análises.

Ao final, o que nos parece curiosa é a resistência que parece haver em Câmara Cascudo em manter uma grafia que distava da grafia de Mário de Andrade e até mesmo

de outros amigos e escritores com quem se correspondia. E, assim, dos idos de 1924 aos idos de 1944, sua escrita manteve seu tom, desenhado por uma (a)feição gráfica de suporte etimológico.

Considerações finais

Em nossa pesquisa, destacamos apenas dois pontos em um universo desenhado nas correspondências de MA e CC. Destacamos o que parece ser um certo gosto pelo registro de palavras cuja feição era marcada pelo rastro da origem etimológica, ainda que muitos tratados e acordos ortográficos apontavam para o desuso. Assim, anotamos certa resistência no uso dos agrupamentos “th”, “ph”, “fh”, “ch”, no uso de consoantes geminadas (“ll”, “tt”) e na manutenção da letra “y na escrita de CC, durante os 20 anos de correspondência em que ele manteve com MA. Sabemos que tal uso, porém, reflete as marcas de sistematizações ortográficas de sincronias passadas, da dificuldade em oficializar uma ortografia oficial e do uso ordinário.

Em sincronias passadas o apóstrofo era de uso frequente e considerado um sinal de acentuação pelos gramaticistas. Nas gramáticas modernas, assim como em gramáticas “antigas”, o apóstrofo segue na Seção de “Ortografia”, que se refere à forma correta de grafar as palavras. O Novo Tratado Ortográfico da Língua Portuguesa restringe o uso às mesmas situações vistas no acordo de 1943: a) supressão de letras em versos, b) reprodução de certas pronúncias populares; c) indicar supressão de vogal em palavras compostas ligadas pela preposição “de”.

Na história da língua portuguesa, com as primeiras gramáticas, o apóstrofo, que era frequente na escrita, começa a desaparecer. Na língua portuguesa, vamos vê-lo, por vezes, aqui e acolá – promovendo efeitos específicos. Comparando a escrita de Mário de Andrade com a de Câmara Cascudo é possível assumir que CC, em termos linguísticos é afeito a uma grafia que os tratados ortográficos já levam à mudanças. Estas mudanças estão bem presentes nas catas de MA. A questão que nos resta sem resposta é: porque CC mantém uma grafia presa a condições de outra temporalidade, ainda que receba, constantemente, cartas de um escritor modernista cuja grafia é infinitamente diferente da sua? Se consideramos, ainda, que CC teria acesso aos tratados ortográficos, supostamente ele preferiu estar preso a uma pintura gráfica da qual preferiu não se afastar.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Jeronymo S. **Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza**. Lisboa: Typografia da Academia das Sciencias, 2004.
- BARROS, João de [1540]. **Gramática da língua portuguesa; Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da Viciosa Vergonha**. Reprod. Fac-sim., leit., introd. e anot. por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Faculdade de Letras, 1971.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguêsã: curso médio, com base na nomenclatura gramatical brasileira**. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1968.
- CASTILHO, Ataliba. “Como, onde e quando nasceu a língua portuguesa?” Disponível em: http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=9 . Acesso em: março de 2011.
- CATACH, N. **Langue Française**. La variation graphique et les rectifications de l’orthographe française. Paris: Larrousse, 1990.

- DIDEROT, Denis; D’ALEMBERT, Jean le Rond. **Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres**. Paris, 1720.
- GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. **Correspondências**: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade. 1999. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em estudos da linguagem, UFRN, Natal, 1999.
- GONÇALVES, Maria Filomena. **Madureira Feijó, ortografista do século XVIII**: para uma história da ortografia portuguesa. Lisboa: Ministério da Educação; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Com a nova ortografia da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- LIMA, Maria Hozanete Alves de. “De boca em boca, um esqueleto no meio do caminho é identificado nas páginas escritas do jornal ‘O Mossoroense’”. In: **Anais do Congresso Internacional da ABRALIN**. João Pessoa: Ideia, 2009, p. 4039-4044.
- LIMA, Maria Hozanete Alves de; COSTA, Elaine Cristina Alves da; NOBRE, Natalia de Lima. “De boca em boca, restos mortais ganham identidade nas páginas escritas do Jornal ‘O Mossoroense’ (1902)”. In: **Anais do Encontro Internacional de Texto e Cultura**. Ceará: Fortaleza, 2008.
- LIMA, Maria Hozanete Alves de; DAMASCENO, Amanda Caroline. Análise de propagandas de remédio veiculadas em 1942, no jornal “A República”. In: **Anais do Encontro Internacional de Texto e Cultura**. Ceará: Fortaleza, 2008.
- LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguêsã**: curso médio. Rio de Janeiro: F. Briguiet & CIA Editores, 1962.
- MADUREYRA FEIJÓ, João Moraes. **Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa**. Coimbra: Na Officina de LUIS SECCO FERREIRA. Anno de 1739.
- MIRA MATEUS, Maria Helena. “A mudança da língua no tempo e no espaço”. Disponível em < www.iltec.pt/pdf/wpapers/2005-mhmateus-mudanca_lingua.pdf>. Acesso em : março de 2011
- PINTO, E. Pimentel. **A Gramatiquinha de Mário de Andrade**. Texto e Contexto. São Paulo: Duas Cidades, 1990.
- OLIVEIRA, Fernão de [1536]. **Grammatica da lingoagem portuguesa**. 3. Ed. Prep. Por Rodrigo de Sá Nogueira, seguida de um estudo e de um glossário de Aníbal Ferreira Henriques. Lisboa: José Fernandes Jr., 1933.
- SANTOS, Amador-Angel Garcia. **Gramática do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2008.

*Submetido em 09 de agosto de 2018.
Aprovado em 26 de novembro de 2018.*